



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE MASCULINIDADE E ESTUDOS LITERÁRIOS: O EXEMPLO DA LITERATURA BRUTALISTA

Nelson Ferreira Júnior

Universidade Federal de Campina Grande,
significante@gmail.com

Resumo: o campo dos estudos literários no Brasil, o interesse pelas masculinidades demonstra ser pertinente e promissor, uma vez que possibilita a retomada de obras a partir do exame minucioso do valor crítico dos perfis masculinos apresentados. Paralelamente a isso, é possível investigar a inclusão do conhecimento acumulado sobre as masculinidades como categoria de análise crítica. Um caso exemplar é a denominada “literatura brutalista”. Sobre esta vertente da prosa brasileira contemporânea, a crítica vem apontando recorrentemente suas características: sob a influência de um novo jornalismo norte-americano, destaca-se o aprofundamento de tensões sociais com a violência comunicada de forma direta e utilizando uma linguagem da periferia das grandes cidades. Nessas narrativas também estão imbrincadas questões de gênero, especialmente as demonstrações variadas de exercício de poder a partir de ideais, por vezes conflituosos, que fundamentam modelos hegemônicos de masculinidade. Assim, o diálogo aqui referido permite tanto ampliar a aparato crítico sobre a literatura brutalista quanto exemplificar, em contos de Rubem Fonseca, a validade da aproximação entre os estudos sobre masculinidades e a literatura.

Palavras-chave: Masculinidades, Literatura Brasileira, Brutalismo. Rubem Fonseca

Introdução:

No âmbito dos estudos literários contemporâneos, uma das vertentes que alcançou grande destaque nas últimas décadas é aquela que toma as questões de gênero como viés crítico. A amplitude desse fenômeno no Brasil é perfeitamente identificável, por exemplo, a partir da percepção da abundância de linhas de pesquisa que abordam essa questão no nível da pós-graduação em Letras/Literatura.

Certamente essa crescente atenção acadêmica dada às discussões sobre gênero e seus entrelaçamentos com outras dimensões da esfera social (interseccionalidade) não se dá apenas nessa área, sendo recorrente nos mais variados campos das ciências humanas e sociais.

Especificamente na crítica literária, tais estudos abordam predominantemente as representações da mulher na literatura ou mesmo a autoria feminina, dialogando com os mesmos suportes teóricos que têm fomentado os movimentos feministas na atualidade.

Menos abundantes, mas ainda assim profícuos, são os estudos sobre as masculinidades, cuja origem se deu como resposta ao discurso de que o conhecimento acadêmico tradicionalmente constituído era já um estudo androcêntrico, no sentido de ser produzido por homens a partir de seus próprios interesses e de sua perspectiva. Foi necessário problematizar o equívoco em desconsiderar gênero como atributo exclusivo das mulheres para que se abrisse caminho para as análises das masculinidades. Tais estudos, como apontou Connell (2016, p.160) inicialmente estavam centrados nas ciências sociais praticadas na Europa e América do Norte, com reflexos na psicanálise até a multiplicação, a partir das últimas décadas do séc. XX, de pesquisas sobre masculinidades na área da psicologia social, nas etnografias e nas análises culturais, como a publicidade, os esportes e também a literatura.

Ainda há, certamente, um grande descompasso em relação aos estudos que enfatizam a mulher, o feminino e/ou o



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Dilemas da Cidade

feminismo nas letras, o que não precisa ser compreendido como uma dualidade em que as masculinidades estariam de um lado e os estudos feministas de outro: ao contrário disso, é importante compreender que foram exatamente os conhecimentos advindos do feminismo que demonstraram a necessidade de perceber o gênero como sendo sempre relacional.

Especificamente no Brasil, pode-se considerar que os estudos pioneiros sobre masculinidades na literatura foram pesquisas sobre as representações que subvertem os padrões tradicionais, como nos casos em que se enfoca a presença do homoerotismo nas obras. De todo modo, percebe-se claramente que a atenção crítica a essas representações se dá simultaneamente ao aumento de publicações sobre as masculinidades nas ciências sociais desde o final do séc. XX e esse fenômeno pode ser atribuído à percepção atual de uma suposta crise dos modelos tradicionais de masculinidade.

Ainda sobre a crítica literária brasileira, embora haja um campo relativamente amplo de pesquisas que abordam direta ou indiretamente a questão das masculinidades, é perceptível que tal abordagem ainda é insuficientemente reconhecida. As vantagens da escolha dessa temática são múltiplas: as obras podem ajudar em muito a compreensão sobre as configurações, a extensão e as rupturas dos padrões de masculinidade; e, por outro lado, a escolha por essa perspectiva crítica pode lançar novos olhares sobre as obras, ressaltando aspectos ainda não percebidos pela crítica. Conforme conclui Simon (2016, p.21), “desse exercício resultarão, ao menos, uma prática analítica inventiva e uma forma contundente de reinterpretar os desempenhos dos homens do nosso tempo e de tempos passados.”

Nesse sentido, achamos necessária uma retomada da caracterização da “literatura

brutalista”, expressão utilizada pela crítica para qualificar a prosa de Rubem Fonseca e dos demais autores que seguiram suas características no Brasil. Afinal, “Rubem Fonseca transformou-se numa espécie de matriz da narrativa brutalista brasileira, da qual brotaram inúmeros seguidores, que deram novo impulso a antes quase inexistente narrativa policial brasileira. Considerem-se principalmente Luiz Alfredo Garcia-Roza, Alcides Nogueira e Patrícia Melo, cada qual no seu estilo particular”. (PELLEGRINI, 2008, p.33).

Precisamos, para isso, retomar o conceito de literatura brutalista: “Essa literatura, que respira fundo a poluição existencial do capitalismo avançado, de que é ambigualmente secreção e contraveneno...” (BOSI, 2015, p.20). Essa vertente é descrita mais detalhadamente por Schøllhammer (2009, p.27): “Inspirado no neorrealismo americano de Truman Capote e no romance policial de Dashiell Hammett, o brutalismo caracterizava-se tematicamente pelas descrições e recriações da violência social entre bandidos, prostitutas, policiais corruptos e mendigos. Seu universo preferencial era o da realidade marginal, por onde perambulava o delinquente da grande cidade, mas também relevava a dimensão mais sombria e cínica da alta sociedade. Sem abrir mão do compromisso literário, Fonseca criou um estilo próprio – enxuto, direto, comunicativo -, voltado para o submundo carioca, apropriando-se não apenas de suas histórias e tragédias, mas também de uma linguagem coloquial que resultava inovadora pelo seu particular ‘realismo cruel’.”

Percebemos, pois, que a crítica convencionalmente estabelece relações do brutalismo às contradições causadas pelo capitalismo, à marginalidade causada pela sociedade de consumo e suas implicações nos espaços estratificados da cidade grande.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas da Cênesis

Entendemos, no entanto, que outro aspecto pode ser considerado para a compreensão dessas características na obra de Rubem Fonseca: a produção/reprodução de signos de masculinidade, tais como, por exemplo, o uso de armas, da própria força física, de atitudes e códigos de conduta que são considerados traços comumente relacionados ao masculino (KALIFA, 2013). Deste modo, faz-se necessário uma investigação sobre o uso desses signos na literatura brutalista, a fim de alargar o seu conceito e tornar mais perceptível o gênero como fator fundamental nessas narrativas.

Para tanto, escolhemos reler as personagens de Rubem Fonseca, incluindo tanto os bárbaros provenientes do submundo quando os civilizados ricos: na ampla gama de personagens masculinos de Rubem Fonseca, tanto os miseráveis desdentados quanto os endinheirados apreciadores de música clássica, incluindo os que se encontram no *continuum* entre esses dois extremos, seriam caracterizados por traços que ora reafirmam ora rompem com paradigmas hegemônicos de masculinidade, muitas vezes postos sob uma perspectiva irônica nas narrativas.

Pretendemos, pois, a partir da análise crítica de contos de Rubem Fonseca, investigar as relações entre as masculinidades e a literatura brutalista, especialmente a partir da caracterização das personagens.

Fundamentação Teórica:

Denominamos aqui *masculinidade* um ideal cultural disputado e vigiado, que se inscreve numa ordem de gêneros complexa, hierárquica, assimétrica e histórica, exercendo uma pressão social sobre homens e mulheres, mas com grandes variações internas e externas nas diversas culturas (VALE DE ALMEIDA, 1996). Signos de masculinidade seriam, pois, a articulação arbitrária,

socialmente produzida – logo, tanto reiterada quanto questionada – entre certos traços presentes na caracterização das personagens (p. ex. força física, habilidade no uso de armas) e os valores (virilidade) que lhes são atribuídos culturalmente, a partir de uma estrutura reguladora de gêneros. Essa, por sua vez, se apresenta narrativamente a partir de atos performáticos (gestos, ações, linguagens, estilos encenados pelas personagens) que dão suporte a crença em uma unidade, uma substância, uma identidade.

Identificar signos de masculinidades na literatura requer reconhecê-los tanto como construção social, com suas variantes histórica e culturais, quanto a partir da performatividade das práticas significantes – e por vezes subversivas – de gênero observáveis nas obras. Em outros termos e especialmente para a prosa: é preciso saber identificar as marcas de masculinidade presentes na caracterização das personagens assim como os modos como as obras ressignificam e peculiarizam esses traços narrativamente.

Para isso, um ponto de partida é a percepção da masculinidade como ordem dominante e naturalizada. Para Bourdieu (1999), a dominação masculina se opera por um duplo processo: a partir de visão androcêntrica do mundo, naturaliza-se uma relação de dominação baseada em uma diferenciação corporal, incluindo a normatização de usos do corpo, que também é socialmente construída. Assim: “A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas da Cidadania

ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco /negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.” (BOURDIEU, 1999, p.47)

A força da ordem masculina, ademais, é exercida sobre as mulheres e também sobre os próprios homens: “Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante. (...) Ser homem, no sentido de vir, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do ‘é evidente por si mesma’, sem discussão. Semelhante à nobreza, a honra (...) governa o homem de honra, independentemente de qualquer pressão externa. Ela dirige (...) seus pensamentos e suas práticas.” (BOURDIEU, 1999, p.63)

Uma das manifestações mais perceptíveis desse dever-ser é justamente a exigência de que o homem exerça, sob qualquer circunstância, sua virilidade. Esta, por sua vez, possui grande variação ao longo do tempo e das culturas. Daí a necessidade de conhecer sua história: “...ela [a tradição] não seria capaz de condensar a virilidade numa história imóvel. As qualidades se recompõem com o tempo. A sociedade mercantil não poderia reproduzir o mesmo ideal viril da sociedade militar. O cortesão não poderia reproduzir o mesmo ideal do cavaleiro. O homem da corte, por exemplo, se esforça em agregar valores de elegância aos velhos e truculentos valores de combate.” (CORBIN, COURTINE, VIGARELLO, 2013, pp. 7-8)

As regras atuais da virilidade e sua importância ou não para a constituição das masculinidades no mundo contemporâneo são questões que estão certamente em aberto, mas é importante, de todo modo, investigar a existência de novas manifestações do viril, assim como de suas possíveis reformulações e reincidências. Nesse sentido, aproximamo-nos das conclusões de Machado (2004), que, a partir de pesquisa etnográfica, identificou o desafio de se perceber formas novas e velhas de articulação entre o masculino e a violência.

Um exemplo captado por suas observações e avaliado como um substrato accidental da masculinidade contemporânea é a oposição entre o *bicho danado* e o *homem honrado*: “Bicho danado remete ao que não se submete à lei social, ao que tudo pode: à pura potência. Homem honrado remete ao que se submete à lei social, desde que, em nome desta, sua posição seja a de exercer primordialmente o controle dos outros. Não se trata de homens que podem escolher ou serem postos na condição de bichos danados e homens honrados. É a própria concepção de masculino que inscreve esta dupla posição de poder estar, ao mesmo tempo, no puro lugar da potência e da lei, sem a ela se submeter, e no lugar de representante ou depositário da lei social e, por isso, também submetido.” (MACHADO, 2004, p. 74)

Percebemos, a partir das categorias acima mencionadas, outra possibilidade de aproximação entre as questões de gênero e o que a crítica já apontou sobre a literatura brutalista: especialmente a violência social que, sabemos hoje, transpassa não apenas as profundas divisões de classe como também os modos distintos de exercício da dominação masculina.

Para além da diversidade de manifestações do dever-ser masculino, Oliveira (2004) ressalta que a manutenção de qualquer ideal viril, requer a constituição de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas da Escrita

contratipos, antinormas, outsiders, uma sombra imposta como instrumento coercitivo para a imposição do ideal de masculinidade, incluindo a punição para quem dela se desvia. Desse modo, “aqueles considerados como outsiders eram os devassos, não seguidores do padrão moral e, portanto, uma ameaça ao tecido social. Nas mais diferentes esferas da vida social, política, jurídica, religiosa, científica, apareciam como perversos, degenerados, fracos, não adaptados à convivência social normal. Qualificados como invertidos, expressavam a síntese do *alter ego* da masculinidade.” (OLIVEIRA, 2004, p.80)

Nesse ponto da discussão, é importante destacar que não interessa para essa pesquisa atribuir forma de identidade nem aos que seguem, de diferentes formas, normas socialmente aceitas de masculinidade, nem aqueles considerados desviantes. Afinal, repetimos, tão importante quanto perceber as marcas de masculinidade é caracterizar os modos como aquelas se materializam performativamente nas obras. Para Butler (2016, p.244), “o fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são construídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória.”

Essa noção de performance é especialmente importante para a investigação de questões de gênero na literatura, pois abre possibilidade de considerar, nas narrativas em análise, por exemplo, a presença da ironia e da paródia na construção dos traços de masculinidade atribuídos às personagens e, num segundo nível, evidenciar a

ficcionalidade daquilo que se considera realidade, incluindo as construções sociais de gênero. Afinal, “uma ficção torna-se uma ameaça na medida em que possa virar realidade, isto é, na medida em que possa seduzir a realidade a se comportar com o mesmo rigor da ficção, assim desperta a suspeita por parte do leitor de uma ‘realidade’ normalmente excluída do conhecimento público, porém ‘real’ na representação literária ficcional. A literatura pode levar à revisão necessária da realidade convencionalmente aceita, ou pode recriar outras narrativas, evocando sua reescritura a partir de paradigmas alternativos de explicação. Pode expor a fragilidade conceitual e de toda realidade comunicada.” (SCHØLLHAMMER, 2013, p. 148)

A masculinidade e seus estereótipos, como partes integrantes dessa realidade comunicada, podem ser postos em questão justamente ao se observar a performatividade irônica das personagens de Rubem Fonseca.

Metodologia:

A pesquisa possui as seguintes características metodológicas: quanto à abordagem é eminentemente qualitativa, embora requeira certos procedimentos quantitativos em virtude da amplitude inicial do corpus; quanto aos objetivos, é exploratória; e quanto aos procedimentos, é bibliográfica.

Partimos de um corpus primário bastante robusto, formado pelos 279 contos já publicados por Rubem Fonseca, distribuídos em dezesseis obras: 1) Os prisioneiros; 2) A coleira do cão; 3) Lúcia McCartney; 4) Feliz Ano Novo; 5) O cobrador; 6) Romance negro; 7) O buraco na parede; 8) Histórias de amor; 9) A confraria dos espadas; 10) Secreções, excreções e desatinos; 11) Pequenas criaturas; 12) Ela e outras mulheres; 13) Axilas e Outras Histórias Indecorosas; 14) Amálgama; 15)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Mulher

Histórias Curtas; e 16) Calibre 22. Além dos contos, estão sendo retomados os textos críticos sobre a obra de Fonseca, bem como textos teóricos sobre gênero, masculinidade e literatura brutalista, de modo a perceber possíveis articulações teórico-críticas.

No decorrer da pesquisa, após análise preliminar de cada um dos contos, o corpus foi reduzido, seguindo um crivo qualitativo, isto é, centramo-nos apenas nos contos nos quais se tenha percebido a existência de relação com os objetivos propostos. Para auxiliar esse procedimento, foi elaborada uma tabela na qual se aponta quais contos de cada obra foram incluídos no corpus definitivo, incluindo pequeno comentário crítico como justificativa para sua inclusão. Em seguida, este corpus será objeto de análise crítica, de modo a se chegar aos resultados finais

A pesquisa está sendo realizada no âmbito da Unidade Acadêmica de Letras/CFP/UFCG desde o início do 2018 e tem previsão para ser finalizada em dezembro de 2020.

Resultados e Discussão:

Como resultado parcial da pesquisa, observamos as convergências entre masculinidade e literatura brutalista em quatro contos da obra *Os prisioneiros*, de Rubem Fonseca: i) “Fevereiro ou março”, ii) “Duzentos e vinte e cinco gramas”, iii) “Teoria do consumo conspícuo”, e iv) “Henri”

Em “Fevereiro ou março”, há um conflito entre diferentes masculinidades: a do protagonista – popular, sustentada pela valorização do corpo e da liberdade de ação individual; e a do conde – elitizada, sustentada pela ação calculada e pelo uso bens materiais e simbólicos. A narrativa, no entanto, faz mais que apresentar esse duelo: ressalta, nas diversas camadas de sentidos perceptíveis através da ironia, o caráter

forçoso, artificial, forjado e inautêntico desses símbolos. Ainda mais que isso: mostra como as personagens não conseguem se enquadrar completamente a esses modelos: o protagonista se coloca a serviço das mulheres, revertendo ou, ao menos, fragilizando o quadro da dominação masculina; o conde, por sua vez, possivelmente está a ponto de perder o que lhe resta de dinheiro e de audição, o que fragiliza seus dois principais signos de masculinidade – o capital econômico usado para impor sua vontade e o cultural, simbolizado no conto através do consumo de música erudita. Tentando seguir inutilmente modelos de masculinidade, as personagens são postas como prisioneiras de uma representação falha, na qual repetem continuamente atos performáticos (levantar um supino de noventa quilos, colocar um monóculo...) e da qual não parece haver fuga possível.

Em “Duzentos e vinte e cinco gramas”, se estabelece um conflito entre modos de demonstrar masculinidades entre três jovens executivos e um médico-legista. O confronto se estabelece a partir de três signos de masculinidade: a) **comando** - apresentado na narrativa através dos cargos que os três jovens exercem: um é dono de uma indústria de manivelas, outro fabrica soda cáustica e o terceiro produz vidro plano. Para o exercício desses postos, a modernidade capitalista exigiu uma masculinidade patriarcal modernizada (CONNELL, 2016), em que a figura de autoridade precisou se adaptar e se diferenciar daquela apresentada pelas masculinidades populares. b) **autocontrole** - o grande desafio do jovem empresário que é assistir a uma autópsia e demonstrar serenidade, apesar de seu pavor interno. Fica evidente, no conto, que o autocontrole como símbolo de masculinidade está relacionado à aparência, à forma como a personagem é vista socialmente, e não a um aspecto do caráter. c)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Raça

coragem - é o jogo/combate/ritual provocado pelo legista como desafio aos jovens e que se realiza no momento da autópsia. A frieza e a habilidade com que manipula o corpo precisa, afinal, de um espectador que confirme essa outra manifestação da virilidade. Nos três casos, os signos de masculinidade das personagens se fundamentam na projeção de uma imagem e na necessidade de afirmação externa. É o outro que precisa validar um status que só pode ser adquirido através da repetição de atos externamente determinados e precisa ser reafirmado continuamente. Para tanto, é necessário esforço redobrado: o duelo simbólico é apontado no conto como uma necessidade, como uma forma de dependência.

No conto “Teoria do consumo conspícuo”, é narrado um encontro entre um homem e uma mulher num baile de máscaras na terça-feira de carnaval. Após passarem a noite dançando e com ela ainda de máscara, vão para o apartamento dele, onde ela mostra seu rosto, revela não gostar do nariz e lhe pede dinheiro. Após ele lhe dar o valor pedido, ela afirma que irá fazer uma cirurgia plástica no nariz e que depois irá devolver o dinheiro. Ela vai embora e ele vai dormir. É pelo contraste entre os dois que a narrativa parece apontar para uma divisão de gêneros, a partir do sentido de consumo, já expresso no título do conto. Em relação ao homem, destaca-se o signo da **virilidade sexual** – enfatizada pelo ritual da personagem que, a cada carnaval, sente a necessidade/obrigação de se relacionar sexualmente com uma mulher diferente. Nesse aspecto é evidenciada a dupla posição da virilidade, sendo ao mesmo tempo uma marca de dominação e uma carga, um dever que precisa ser afirmado em qualquer circunstância (BOURDIEU, 1999). A hipótese de não cumprimento desse dever é apontada no conto como mau agouro. A princípio, os signos de masculinidade

performados pela personagem reforçam a imagem comumente retratada do homem que busca o prazer sexual com tanto afincamento que chega a usar de formas de violência físicas e/ou simbólicas para tal fim. A narrativa, no entanto, torna-os mais complexos. Desde o título, atrela a necessidade do protagonista em conquistar novas parceiras sexuais a cada carnaval a uma sociedade de consumo que diferencia corpos generificados e objetificados, criando, ao mesmo tempo, desejos a serem supridos e um mercado pronto a atendê-los (para ela, um novo nariz; para ele, uma nova mulher)

Por fim, em “Henri”, observamos que os signos de masculinidade que caracterizam o protagonista aproximam traços que comumente são postos em posições distintas: intelectualidade, refinamento, força física e agressividade. A junção desses signos, comumente apartados, amplifica o aspecto ambíguo do protagonista: ele pertence a dois mundos – é ao mesmo tempo um *bicho danado* e um *homem honrado*, conforme os termos colhidos por Machado (2004) – e transita entre eles, rompendo uma distinção entre duas formas de exercício de masculinidade. O protagonista leva às últimas consequências o exercício de cada uma dessa dupla posição de poder. Por um lado, experencia sua potência no ato de matar, comparando-se a uma divindade: por outro, esforça-se tão pormenorizadamente em projetar uma imagem de cavalheiro, que se torna capaz de manipular completamente suas vítimas. Seu prazer deriva precisamente de sua capacidade de enganar as mulheres em relação ao seu duplo exercício de masculinidade, o de potência e o de controle.

Conclusões:

Nos quatro contos abordados aqui, percebemos os traços que, com maior ou menor grau de reiteração, podem estar



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cênes

atrelados à construção das personagens masculinas na obra de Rubem Fonseca e em outras obras da literatura brutalista: virilidade sexual, força física, refinamento, comando, autocontrole, coragem, intelectualidade, liberdade, descontrole, distinção e agressividade. Constatamos que as narrativas reiteram o aspecto performativo do gênero: nada há de natural ou espontâneo nos momentos em que as personagens se revestem dos signos de masculinidade como modo de exercício de dominação; além disso, elas próprias não demonstram ter consciência da artificialidade desses atos.

Nesse sentido, a constante ironia acerca da encenação de gênero ressalta que esta é uma das prisões a que as personagens estão submetidas e não conseguem se libertar, tendo implicações no conceito de literatura brutalista, uma vez que tais signos de masculinidade podem ser retomados em obras posteriores de Rubem Fonseca e nos demais autores que seguiram essa vertente.

Assim, a investigação sobre as possíveis recorrências e mudanças na utilização desses signos nas narrativas que sucederam a publicação de *Os prisioneiros* (1963) constitui uma iniciativa promissora para a ampliação do conceito de literatura brutalista. Afinal, a violência – que comumente caracteriza as personagens desse gênero – diz respeito tanto às desigualdades sociais produzidas pelo capitalismo quanto às assimetrias causadas por uma ordem de gênero que legitima e promove variadas formas de violência exercidas na disputa pelo controle hegemônico da masculinidade.

Referências:

BOSI, Alfredo. “Situação e forma do conto brasileiro contemporâneo”. In: ____ (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2015, pp. 7-24

BOURDIEU, Pierre. “Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada”. In: LINS, Paulo (Org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998, pp. 11-27.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 12.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016

CORBIN, A., COURTINE, J-J., VIGARELLO, G. “Prefácio”. In: _____. *História da Virilidade: a invenção da virilidade, da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013, pp. 7-9.

FARIA, Alexandre. *Literatura de subtração: a experiência urbana na ficção contemporânea*. Rio de Janeiro: Papiro, 1999.

FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

KALIFA, Dominique. “Virilidades criminosas?”. In: CORBIN, A., COURTINE, J-J, VIGARELLO, G. *História da Virilidade: a virilidade em crise?, séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013, pp. 302-331.

MACHADO, Lia Zanotta. “Masculinidades e violência: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea”. In: SCHUPUN, Mônica Raisal (Org.). *Masculinidades*, São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004, pp.35-78.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulheres e Políticas da Escrita

PELLEGRINI, Tânia. *Despropósitos*: estudos de ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *Cenas do Crime*: violência e realismo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SIMON, Luiz Carlos Santos. “Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil”. *Estação Literária*. v.16, 2016, pp.8-28.

VALE DE ALMEIDA, Miguel “Gênero, masculinidade e poder: revendo um acaso ao Sul de Portugal”. *Anuário antropológico*, v. 95, 1996, pp.161-190.